

NEGÓCIOS INICIATIVAS OS SEGUROS EM PORTUGAL

“90% dos acidentes rodoviários são causados por decisões dos automobilistas”

Com os veículos autónomos, a condução será quase sem falhas, o que reduzirá a sinistralidade e o preço dos seguros. Nessa altura, “as seguradoras podem oferecer uma gama ainda maior de proteção, por exemplo, contra os ataques cibernéticos”, refere Rita Travassos.

FILIPE S. FERNANDES

“E stamos de facto perante um retomar do risco associado à circulação automóvel com níveis de frequência equivalentes aos do período pré-pandemia” e “a maior agressividade do mercado é também factual e, consequência de um setor que se encontra em contração”, sustenta Rita Travassos, responsável de Operações Automóvel do Grupo Ageas Portugal. Ecoa uma das preocupações do regulador, a ASF (Autoridade de Supervisão de Seguros e Fundos de Pensões), que considera que, com a retoma, há um risco de ressurgimento da pressão competitiva que pode criar problemas de sustentabilidade técnica do negócio.

Segundo a análise de Alexandre Ramos, Chief Information Officer (CIO) da Liberty na Europa Ocidental, “em média, a gravidade dos sinistros automóvel e a mobilidade atual atingem já níveis superiores aos registados no contexto pré-pandemia. No entanto, será necessário aguardar pelos números dos próximos meses para conseguir fazer um balanço do ano e mais concretamente dos últimos dois semestres para aferir como os portugueses se comportaram nas estradas. Para já, constatamos um maior fluxo e uma maior severidade dos acidentes”.

Alexandre Ramos não tem dú-

vidas “que a maturidade e conhecimento técnico do setor serão armas suficientes para que a sustentabilidade do seguro automóvel não seja colocada em risco”.

O mercado e a sinistralidade
Nos primeiros nove meses de 2021 a produção do seguro automóvel foi de 1 178 milhões de euros, mais 0,75%, do que no mesmo período de 2020, em que o valor foi de 1 169 milhões de euros. O que confirma uma certa estagnação do mercado de seguro automóvel desde 2019, quando teve um volume de negócios de 1 525 milhões de euros, e 2020, em que se registou um volume de negócios de 1 568 milhões de euros, representado cerca de 33,4% do mercado de seguros não vida. Mas entre 2016 e 2020 o mercado do seguro automóvel cresceu 19,8%.

Entre os segmentos de negócio mais relevantes dos seguros em Portugal, o seguro automóvel foi o que sofreu o maior impacto das medidas de confinamento, aplicadas em resposta à propagação da pandemia de covid-19, com a redução abrupta da circulação rodoviária, o que se repercutiu na diminuição dos custos com sinistros em cerca de 13,6% face 2019, baixando de 75,6%, a média desde 2016, para 63,5%, segundo dados da ASF.

O regulador explica que a taxa de sinistralidade não teve ainda valores mais baixos porque os valores de 2019 foram “significativamente influenciados pela ação de reforço extraordinário de provisionamento efetuada por um operador”.

Em 2020, a melhoria significativa do desempenho técnico global do seguro automóvel, que se fi-



Celestino Santos

Rita Travassos diz que os veículos autónomos terão um impacto significativo na redução da sinistralidade.

Apólices com opções de micromobilidade

cou a dever a fatores transversais a todo o mercado, observou-se em quase todos os operadores, tendo apenas uma entidade registado um ligeiro prejuízo, segundos os dados da ASF. O seguro automóvel abrangia em 2020 8 062 594 veículos seguros, 82,9% ligeiros e 64,1% com mais de dez anos.

A tecnologia e o seguro

Os automóveis têm cada vez mais tecnologia que ajuda a condução e que tem a sua realização máxima na futura condução autónoma. Segundo Rita Travassos, “a tecnologia pode ir muito além do que se espera já que os carros inteligentes, não só trazem extrema praticidade aos seus proprietários como também podem causar uma grande transformação na indústria de seguros, já que 90% dos acidentes rodoviários são causados por decisões dos automobilistas”.

Acrescenta que “tendo os veículos autónomos uma condução quase sem falhas, os impactos na redução de sinistralidade seriam muito significativos e, consequentemente, no preço do seguro. Por outro lado, a partir do momento que os carros autónomos entram em comercialização, as seguradoras podem começar a pensar numa gama ainda maior de proteção, como, por exemplo, contra os ataques cibernéticos”.

Alexandre Ramos reconhece alguns destes sistemas de segurança ou auxílio à condução são úteis na prevenção de acidentes, mas os dados não são suficientes para se tirar conclusões relevantes. “A curto prazo, a incorporação de tecnologia nos veículos em circulação traduz-se num incremento de custos médios e prolongamento do período de reparação. Os efeitos da incorporação desta tecnologia sentir-se-ão apenas a médio/longo prazo, uma vez que a idade média do parque automóvel em Portugal é elevada”. ■

“Trata-se de coberturas opcionais, mas que foram criadas tendo em conta as novas formas de mobilidade e de vivência nas cidades”, sublinha Alexandre Ramos.

As soluções de micromobilidade como as trotinetes, as bicicletas e as segways, entre outras, otimizam a mobilidade nas grandes cidades com poupança de tempo nas deslocações e redução da pegada de carbono. Mas, como assinala Rita Travassos, responsável de Operações Automóvel do Grupo Ageas Portugal, “têm riscos, com o incremento da utilização deste tipo de veículos, muito por força da sua utilização por turistas e por jovens, em especial nas áreas de maior densidade urbana, aumentam o número de acidentes quer por colisão quer por atropelamentos de peões”.

Os dados estatísticos revelam que os danos mais graves ocorrem nos peões atropelados. “Mais informação e mais formação, associadas a um contexto de circulação mais seguro são medidas a aplicar para reduzir o risco e, é aqui que as seguradoras terão um papel ativo, na proteção do risco para que o consumidor final possa usufruir das vantagens associadas à micromobilidade remetendo para as seguradoras o que elas sabem fazer de melhor, protegerem-nos”, defende Rita Travassos.

Seguros de micromobilidade

As seguradoras já estão a integrar as opções de micromobilidade nas suas apólices. Como



Pedro Pina

Alexandre Ramos refere o efeito da micromobilidade nas apólices.

refere Alexandre Ramos, chief information officer (CIO) da Liberty na Europa Ocidental, “a longo prazo, a tendência é de aumento do uso de veículos de mi-

cro-mobilidade e, como tal, os carros misturar-se-ão com estes veículos, especialmente nos grandes centros urbanos”.

A pensar em quem opta pela

bicicleta, a Liberty criou o seguro Liberty Bike, que contém a cobertura obrigatória de responsabilidade civil, de acidentes pessoais e de danos e roubo. Refere ainda que os seguros Liberty Sobre Rodas, Liberty 2 Rodas e Génesis Automóvel, o novo canal de venda direta da Liberty, foram ajustados e hoje têm disponíveis coberturas a pensar em possíveis acidentes com bicicletas ou cadeiras de rodas motorizadas. “Trata-se de coberturas opcionais, mas que foram criadas tendo em conta as novas formas de mobilidade e de vivência nas cidades”.

Alexandre Ramos admite que com um maior uso dos transportes públicos e das soluções de mobilidade, como a bicicleta, pode traduzir-se, a longo prazo, numa redução do número de pessoas que circulam nos grandes centros urbanos com recurso a veículos ligeiros próprios. “A nível global, a Liberty tem um acumulado de produtos e serviços na área da mobilidade, do produto por consumo e do micro seguro, que nos dá confiança suficiente para sentirmos que estamos preparados para esta evolução natural. No entanto, nos dias de hoje, verifica-se ainda um aumento da circulação automóvel em comparação com 2019”, assinalou o gestor. ■

8ª EDIÇÃO

OS SEGUROS EM PORTUGAL

18 negócios anos Tem as respostas.

Patrocínio:



Apoio:

